



*Vincent e
Deanne Sferrino
embarcaram numa
viagem secreta ao
passado da filha*

Desesperados para salvar a filha, eles se tornaram detetives, procurando a estranha que desejaram nunca encontrar

Segundo dom da vida

MICHAEL BOWKER

NO HOSPITAL GERAL de Massachusetts, em Boston, Alicia Sferrino, 20 anos, ouvia com seus pais o diagnóstico do doutor Leslie Fang, especialista em rins.

– Você tem nefrite aguda, uma inflamação incomum – disse ele. – Seus rins estão 95% destruídos.

As cores fugiram do rosto de Alicia. Ainda assim, a lourinha foi atrevida:

– Muito bem, meus rins estão com problema. Quando poderemos come-

çar o tratamento para colocá-los em forma?

O doutor Fang media as palavras:

– Receio que seja irreversível. Em breve, você terá que começar a fazer diálise.

Alicia estava estupefata. Até poucas semanas antes, sentia-se ótima.

– Não há nenhuma outra opção? – perguntou Deanne, mãe de Alicia.

– Somente uma – respondeu o doutor Fang. – Se conseguirmos encontrar um doador compatível, poderemos fazer um transplante.

Logo depois, o doutor Fang conversou em particular com Deanne e o marido, Vincent.

– As opções para um transplante são limitadas – disse o médico. – A espera por um rim de cadáver é superior a dois anos. Isto deixa como opção apenas um parente com tipo de sangue e tecidos semelhantes. Caso estejam dispostos, deveríamos testá-los imediatamente, para ver se o rim de um de vocês é adequado.

O rosto de Deanne distorceu-se em angústia. Vincent respondeu quase sussurrando:

– Alicia é adotada. Não sabemos quem são seus pais naturais.

Olhando para trás com uma expressão impotente, o doutor Fang avisou:

– Temos pouco tempo para encontrá-los.

Vincent, engenheiro, e Deanne, secretária, adotaram Alicia aos cinco meses de idade. Sempre haviam sonhado em ter uma filha para fazer companhia ao filho Michael, também adotado, então com quatro anos. Um bebezinho com grandes olhos verdes,

Alicia, para eles, era a menina mais bonita que jamais poderiam encontrar.

Trouxe uma energia e uma disposição de espírito maravilhosas para o lar da família Sferrino. Apesar de ter menos de 1 metro e meio de altura, tornou-se estrela na equipe esportiva do colégio. Após a formatura, cursou uma faculdade de dois anos e obteve um emprego na empresa de roupas Calvin Klein, onde mantinha uma fatigante rotina de trabalho. Alicia não era do tipo que recuaria frente a uma situação difícil.

Agora, eram Vincent e Deanne que enfrentavam um desafio formidável: localizar os pais naturais de Alicia. Deanne lembrou-se da época em que Alicia desejara conhecê-los:

– É melhor não contar a ela – disse Deanne ao marido. – Se não conseguirmos encontrá-los, ou se eles disserem não, seria devastador para nossa Alicia.

Com uma ordem judicial, os Sferrino abriram os arquivos confidenciais de adoção de Alicia. Encontraram a certidão de nascimento, indicando a mãe: Ruth Chiasson. Os arquivos revelaram que Chiasson vivia em Framingham, Massachusetts. Mas 20 anos haviam passado.

Nos dias seguintes, Vincent e Deanne trabalharam incansavelmente para entrar em contato com famílias em Framingham de sobrenome Chiasson. Nenhuma ouvira falar de Ruth.

Em fins de fevereiro, Alicia começou a fazer transfusões de sangue.

– É como um pesadelo – disse ao noivo, Jeff Martin, jovem estudante de Engenharia. – Não quero que você fi-

que tomando conta de uma inválida pelo resto da vida.

– Não fale assim – rebateu Jeff, pálido. A possibilidade de perder Alicia o aterrorizava.

Em meados de março, ela emagrecera sete quilos, de 43kg para 36kg. Estava fraca demais para trabalhar. Os medicamentos para estabilizar os rins causavam câibras dolorosas. A visão de sua agonia levou Vincent à beira do desespero. *Deve haver uma forma de salvar nossa filha.*

Em seu escritório, certa manhã, passou os olhos pela lista que ele e Deanne haviam feito de pessoas que poderiam ter notícias de Ruth Chiasson. Constavam os telefones de todos os Chiasson na região de Framingham, todos os órgãos públicos com registros de nascimento, e uma dúzia de bibliotecárias e funcionários municipais. Eles já haviam telefonado para todos os números, exceto um. Pertencia a Michael Ward, oficial encarregado do registro municipal de Framingham. Vincent rezou silenciosamente enquanto discava.

Ward atendeu, e Vincent explicou por que estava telefonando.

– Há anos, conheci um sujeito chamado Paul Foisy – disse Ward. – Creio que sua mulher talvez se chamasse Ruth Chiasson. Após o divórcio, ela se mudou para outra região.

– Você se lembra de mais alguma coisa sobre eles? – perguntou Vincent.

Ward pensou.

– Temos alguns registros antigos. Vou averiguá-los e depois lhe telefono.

Vincent agradeceu e desligou. Tentou se concentrar no trabalho, mas em

breve estava caminhando em círculos. Passou-se uma hora, a mais longa de sua vida. Então, o telefone tocou.

– Encontrei algo – disse o funcionário. – Um padre chamado Barrett casou-os na igreja St. George, em Framingham. Talvez ele saiba onde Ruth está agora.

Vincent telefonou ansiosamente para a igreja.

– Sinto muito, o padre Barrett saiu daqui há dez anos – respondeu uma mulher.

– Há alguma possibilidade de alguém saber onde ele está? – Vincent aguardou, enquanto os segundos passavam em lentidão agonizante. Então ouviu novamente a voz.

– O padre Barrett agora está na igreja católica St. John the Evangelist, em Chelmsford.

– Obrigado!

Chelmsford era a cidade vizinha. O coração de Vincent batia com força enquanto ele rabiscava o número em um papel e discava. Desta vez, um homem atendeu.

– Estou tentando encontrar o padre Barrett – disse, quase incapaz de controlar o nervosismo.

– Pois não.

Vincent respirou fundo.

NA TARDE DE 29 de março, uma mulher atraente com cabelos castanhos parou na entrada da garagem de sua casa em Sunrise, Flórida, e recolheu uma pilha de cartas na caixa postal. Normalmente uma enérgica mulher de 37 anos, Ruth Foisy estava cansada depois do turno de dez horas como gerente de uma lanchonete.

Os três filhos – Barbie, 17; Renée, 14; e Paul, 11 – ainda estavam na escola e, por isso, ela teria alguns minutos para relaxar. Sentou-se em uma poltrona, surpresa com um envelope dirigido pelo padre Barrett. *Não nos falamos há mais de dez anos*, pensou. *O que ele pode estar querendo?*

Retirou uma carta de quatro páginas. Para sua consternação, não fora



Ruth Foisy: 20 anos depois de dar à luz, deu um segundo presente à Alicia.

escrita pelo padre Barrett. “Esta carta pode ser um choque após tantos anos”, começava, “mas acredito que você entenderá a sinceridade e o amor que representa.”

Com a leitura, os olhos de Ruth enchiam-se de lágrimas. A carta revelava a necessidade urgente de Alicia por um transplante. “Compreendemos a

angústia de uma decisão deste tipo”, escreveram Vincent e Deanne. “Pedimos apenas que você a considere com cuidado e compaixão.”

Ruth começou a chorar quando seus pensamentos recuaram 20 anos. Aos 17, ela dera à luz uma linda menina que denominara Patricia Ann. Ruth e o namorado queriam se casar, mas os pais dela insistiram em oferecer a menina para adoção. Foram necessárias quatro horas de angústia, na agência de adoção, antes que Ruth conseguisse assinar os documentos.

Durante meses, Ruth chorou a perda do bebê. Todos os anos, acendia uma vela em 7 de dezembro, o aniversário da criança.

Então o nome dela é Alicia, pensou Ruth. *E ela precisa de mim.*

Quando chegaram, as crianças encontraram-na com a carta. “Preciso contar uma coisa a vocês”, disse, com tristeza na voz. Pela primeira vez, ouviram a história da meia-irmã. Quando Ruth terminou, Barbie abraçou-a. “É sua decisão”, disse. “Não importa o que resolver, estaremos com você.”

Em fins de abril, Vincent e Deanne estavam desesperados. A carta fora entregue ao padre Barrett um mês antes, e eles não haviam recebido resposta alguma. Alicia estava enfraquecendo.

Será que o padre Barrett perdeu nosso telefone?, pensou Vincent. Fez a ligação, determinado a descobrir se o padre recebera uma resposta.

– Graças a Deus, é você! – gritou o padre Barrett. – Ruth Foisy está disposta a ser doadora.

Ruth chegou a Boston em 2 de junho, e se submeteu a testes sangüíneos no Hospital Geral de Massachusetts. Seu rim era adequado.

Pouco depois, os Sferrino e a filha visitavam o doutor Fang. “Encontramos um doador”, disse o médico a Alicia. “É a sua mãe natural.” Finalmente, Deanne e Vincent puderam contar a Alicia sobre a investigação que haviam feito.

Dois dias depois, Ruth sentou-se, angustiada, na sala de espera do doutor Fang. Ela e Alicia estavam prestes a se conhecer. Ruth recordou como, tantos anos antes, o pequeno bebê segurara seu dedo e chorara ao ser abandonado. *Ela ainda estará ressentida comigo?*

Poucos momentos depois, os olhos de Ruth encontraram-se com os de uma bela jovem. Perdendo o controle, Ruth sussurrou:

– Não sei o que dizer.

– Tudo bem – respondeu Alicia, suavemente, abraçando-a.

Na noite seguinte, Ruth e Alicia encontraram-se para jantar em um restaurante. Estavam nervosas no início, hesitavam na conversação. Então Alicia fez a pergunta que sempre carregara dentro de si: “Por que você me abandonou?”

Ruth desviou o olhar durante alguns instantes e, em seguida, encarou os olhos da filha. “Por favor, acredite em mim – eu não queria fazer isso.” Con-

tou a Alicia sobre a gravidez na adolescência, e sobre a culpa angustiante com a qual vivera por ter abandonado Alicia para adoção. A moça contornou a mesa e segurou-lhe as mãos. Naquele instante, Ruth viu o que desesperadamente buscara: perdão.

As operações começaram às 11 da manhã do dia 12 de junho, no Hospital Geral de Massachusetts, com duas equipes de médicos e enfermeiras. Os cirurgiões extraíram uma das costelas de Ruth para remover o rim; em seguida, embalaram o órgão em uma solução preservativa gelada. Foi levado rapidamente para o quarto ao lado, onde a outra equipe cirúrgica fez uma incisão no abdômen de Alicia para inserir o órgão frontalmente.

Cinco horas depois, às 4 da tarde, o cirurgião-chefe, doutor Francis Delmonico, entrou na sala onde Vincent, Deanne, Michael e Jeff aguardavam ansiosos. O médico estava sorrindo.

– Parece que ambas ficarão bem – comentou.

No dia seguinte, uma enfermeira empurrou uma cadeira de rodas para dentro do quarto de Alicia. Ruth estava encolhida na cadeira, grogue com os analgésicos, mas seus olhos cansados brilhavam. Alicia abriu-lhe os braços: “Obrigada por minha vida.”

Após total recuperação, Alicia casou-se com Jeff. Em março de 1996, nasceu-lhes a primeira filha, Ashley Ann.



O ORGULHO precede a destruição, e um espírito arrogante precede uma queda.

Do Velho Testamento